

Inventário epistolográfico de Luiz Beltrão*

Epistolographic inventory of Luiz Beltrão

Inventario epistolográfico de Luiz Beltrão

*ANTONIO TEIXEIRA
DE BARROS*



Alexandre Valente

Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (1992), mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1995) e doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (1999). Professor universitário e pesquisador desde 1996. Faz parte do Conselho Editorial da Câmara dos Deputados e das seguintes revistas: *Iniciacom* e *Estudos & Debate*. Professor de graduação e pós-graduação do Instituto de Educação Superior de Brasília e analista legislativo/comunicação social da Câmara dos Deputados.

E-mail: antonio.barros@camara.gov.br.

* O autor agradece a José Marques de Melo, pelo incentivo à realização desta pesquisa; a Dona Zita, que permitiu a consulta aos arquivos pessoais de Luiz Beltrão; e a Jorge Duarte, que organizou e compilou a correspondência.

BARROS, Antonio Teixeira de. Inventário epistolográfico de Luiz Beltrão. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, a. 29, n. 50, p. 123-145, 2. sem. 2008.

Resumo

Estudo realizado a partir da compilação e classificação das cartas de Luiz Beltrão, com base em seu acervo pessoal. As cartas analisadas registram mais de duas décadas de sua trajetória intelectual, do final dos anos 1950 ao início dos anos 1980. Entre os assuntos tratados na correspondência de Beltrão, há um híbrido de temas privados, propostas acadêmicas, projetos em execução, conferências, cursos e produção editorial. O estudo também demonstra a constância de alguns interlocutores, entre os quais se destacam seus parceiros intelectuais, autoridades acadêmicas, editores e amigos pessoais. A metodologia empregada consiste na análise de conteúdo. As cartas foram classificadas quanto ao gênero e ao conteúdo. Em relação ao gênero, temos cartas informativas, opinativas e mistas. Quanto ao conteúdo, a correspondência foi assim categorizada: acadêmicas, oficiais, pessoais e mistas. A amostra contém cartas referentes a um período de 34 anos (1953-1987) e apresenta dados relativos à vida acadêmica de Luiz Beltrão no Recife e em Brasília.

Palavras-chave: Epistolografia de Luiz Beltrão – Correspondência acadêmica – Comunicação epistolar.

Abstract

This paper presents a study based on the compilation and classification of Luiz Beltrão's letters. The analyzed letters record over two decades of his intellectual trajectory, from the late 1950s to the beginning of the 1980s. The research also demonstrates the constancy of some interlocutors, among whom some intellectual partners, academic authorities, editors, and friends. The applied methodology consists of content analysis. The correspondence was classified according to genre and content. Regarding genre, there are informative, opinion, and mixed letters. Regarding content, letters were categorized as academic, official, personal, and mixed. The sampling includes letters covering a 34-year period (1953-1987) and presents data related to the academic life of Luiz Beltrão in Recife and Brasília.

Keywords: Epistolography of Luiz Beltrão – Academic correspondence – Epistolary communication.

Resumen

Estudio hecho desde en la compilación y clasificación de la correspondencia de Luiz Beltrão, usando su acervo personal. Las cartas analizadas hacen lo registro de más de dos décadas de su trayectoria intelectual, desde el final de la década de 1950 hasta el comienzo de los años 1980. Entre los temas tratados en la correspondencia de Beltrão hay una mezcla de temas privados, propuestas académicas, proyectos en ejecución, conferencias, cursos y producción editorial. El estudio demuestra aún la constancia de algunos interlocutores, de los cuales hay que destacar sus socios intelectuales, las autoridades académicas, editores y amigos personales. La metodología usada fue el análisis de contenido. Las cartas fueron clasificadas por su género y su contenido. En lo que concierne el género, tenemos cartas informativas, de opinión y mezcladas. A su vez, el contenido fue dividido en cartas académicas, oficiales, personales y mezcladas. La muestra contiene cartas de un período de 34 años (1953-1987) y presenta datos relativos a la vida académica de Luiz Beltrão en Recife e en Brasília.

Palabras clave: Epistolografia de Luiz Beltrão – Correspondencia académica – Comunicação epistolar.

A análise parte da premissa de que a carta constitui um gênero discursivo que documenta fatos do cotidiano, sentimentos, impressões, visões do mundo – tanto do remetente como do destinatário, visto que toda correspondência envolve troca. O remetente escreve e o destinatário responde. Assim, a relação se inverte, na dinâmica social da comunicação epistolar. Como assinala Marco Antonio de Moraes (2000), especialista em epistolografia, a carta apresenta estrutura maleável em termos de conteúdo e de forma. Diversos assuntos podem ser incorporados à mensagem epistolar, o que faz da carta receptáculo não apenas de novidades ou amenas confidências como também de informação e saber constituído, compartilhado por duas vozes em confronto dialético. Essas são características marcantes das cartas de Beltrão. Cabe destacar ainda a inexistência de limites temáticos, que se soma ao caráter de forma aberta do gênero epistolar. Para que a carta se constitua enquanto tal deve existir necessariamente o discernimento de um remetente e de um destinatário em situação comunicativa, outra marca discursiva das cartas analisadas.

A liberdade de quem escreve ou responde a uma carta confere ao gênero epistolar a flexibilidade de abordagens, o que reforça seu caráter de mensagem aberta. Isso garante a natureza diferenciada do gênero epistolar de outros gêneros do discurso. A fluidez da forma explica toda a constelação da epistolografia em suas modalidades similares: o bilhete, o cartão-postal, o telegrama, o ofício, o memorando, a circular. Todas apresentam problemática própria. A carta faz parte da história da sociedade letrada, dos escritos bíblicos à literatura. Dinâmica e capaz de adaptar-se. Com o avanço tecnológico, muitos preconizaram a morte da carta. Entretanto, o gênero epistolar continua com todo o seu vigor.

Perfil de Luiz Beltrão

Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) é considerado um dos nomes mais importantes na história do pensamento comunicacional brasileiro e latino-americano. Defensor entusiasta da folkcomunicação, estimulou a realização de pesquisas sobre as formas e práticas de comunicação do povo em todas as regiões do País. A análise de sua correspondência mostra que ele acompanhava todos os estudos realizados pelo País afora e se correspondia com os principais pesquisadores da época, como Câmara Cascudo, José Marques de Melo, Roberto Benjamin e outros. Foi o primeiro acadêmico a obter o título de doutor em Comunicação no Brasil, com a tese *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*, defendida na Universidade de Brasília, em 1967.

Conhecedor dos debates e das pesquisas sobre Comunicação, Luiz Beltrão criou, em 1963, o Icinform (Instituto de Ciências da Informação), sediado em Recife. A entidade atuou com treinamento de pessoal, pesquisa e divulgação de estudos no âmbito universitário, tendo sido a primeira do gênero no Brasil, com o mérito adicional de ter surgido fora dos estados tradicionais em inovação profissional e educacional. O instituto foi inspirado no Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina, depois Centro de Investigación y Capacitación para a América Latina (Ciespal), onde Beltrão ministrou a disciplina Métodos en la Enseñanza de la Técnica del Periodismo, em 1963, e percebeu as possibilidades de um instituto de pesquisa para consolidação do campo da Comunicação em sua região.

Beltrão visualizou no Icinform a oportunidade de se instituir no Brasil a prática da pesquisa em Comunicação sob uma perspectiva teórica e empírica, com o objetivo de estudar a informação sob diferentes facetas, por meio de pesquisas descritivas e experimentais. Entre as principais realizações do Icinform está *Comunicações & Problemas*, a primeira revista nacional de cunho técnico-científico, na área de Comunicação, criada em 1965, com periodicidade quadrimestral. O periódico deixou de circular, após doze edições, em 1969, registrando contribuições de comunicólogos como José Marques de Melo, Tereza Halliday e

Humberto Sodré Pinto. Publicava resumos em inglês, com modelo gráfico inspirado na revista americana *Journalism Quartely*.

Beltrão criou um jeito novo de se fazer investigação em Comunicação, ao utilizar métodos de pesquisa empírica – coleta de dados, depoimentos e documentos –, a fim de compreender a experiência vivida, tanto no presente como no passado colonial brasileiro, a partir de processos sociais concretos. Ele analisou o folclore, a vida comunitária no Brasil e formulou uma teoria tão simples quanto surpreendente. O pressuposto era de que os veículos de comunicação convencionais não influenciam muitas comunidades, pois sequer as alcançam. Estes grupos têm suas próprias formas de comunicação como o cordel, o artesanato e as demais formas de transmissão de informações intragrupal e interpessoal. Seu conceito de folkcomunicação torna-se seminal em toda a literatura nacional sobre temas relacionados à comunicação popular: “é o processo de intercâmbio de informação e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 1967, p. 25).

A noção deste tipo de comunicação leva, ainda, à descoberta, no cantador popular, no artista, não apenas de um produtor cultural, mas de um informante referencial, que se caracteriza até como realizador da ação jornalística¹. Vê na presença de personagens como o poeta popular, o motorista de caminhão, o ceramista, em almanaques, aspectos relacionados à comunicação, limitada ao contexto da região ou de sua caminhada, mas, ainda assim, comunicação informativa ou opinativa. O artesão, por exemplo, seria uma espécie de folkjornalista, ao selecionar informações do ambiente em que vive e retransmitir aquilo que faz

¹ Beltrão tinha uma visão bastante ampla do termo *jornalismo*. Partindo das mídias tradicionais (revista, rádio, televisão e cinema), considerava manifestações de jornalismo modernas “las relaciones públicas y la propaganda, la canción popular, el turismo, el folklore, los libros de actualidad” (1969b, p. 6). Com esta visão, caracteriza algumas das manifestações como folkjornalísticas porque “servem à informação de fatos correntes, devidamente interpretados e periodicamente transmitidos à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum” (1967, p. 168).

sentido para seu público, mantendo uma unidade no grupo. Mestre Vitalino, ao modelar um bêbado apanhando de porrete da polícia, estaria relatando um fato e fazendo uma denúncia. São informações típicas da comunidade, ainda não contaminada pela influência da mídia. As manifestações do tipo “malhação de Judas”, por exemplo, ainda tradicionais e não estandardizadas, trariam manifestações críticas dos envolvidos. Marques de Melo (2000, p. 2) diz que,

de um certo sentido, Luiz Beltrão antecipava observações empíricas que embasariam a teoria das mediações culturais [...] reconhecia nos agentes de folkcomunicação, nas sociedades rurais ou periféricas, um caráter nitidamente institucional, semelhante àquele que Martín-Barbero atribuiria mais tarde aos agentes educativos, religiosos ou políticos nas sociedades urbanas metropolitanas.

Inventário epistolográfico de Luiz Beltrão

As cartas de Luiz Beltrão foram analisadas segundo a análise de conteúdo, de acordo com os critérios definidos por Bardin² (1977). Classificamo-las a seguir.

1) Quanto ao gênero:

- Informativas – apresentam relatos e dados sobre temas variados da agenda acadêmica.

² Segundo Bardin (1977, p. 31), a análise de conteúdo é entendida como “um método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento. A técnica se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento”. Conforme a autora, “pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido. Isso pode constituir um primeiro passo, obedecendo ao princípio de objetividade e racionalizando através de números e porcentagem, uma interpretação que, sem ela, teria de ser sujeita a aval. É o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutiva da mensagem. É, portanto, um método taxionômico bem concebido para [...] introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente” (BARDIN, 1977, p. 37).

- Opinativas – contêm impressões pessoais, análises e comentários referentes a pesquisas, eventos, instituições e pessoas.

- Mistas – mesclam relatos e comentários.

Do total de 146 cartas analisadas, quase a metade (49,60%) se enquadra na categoria informativa. As opinativas ficam em segundo lugar (36,20%), seguidas das mistas (15,20%), como se vê na tabela 1:

Tabela 1: Distribuição das cartas quanto ao gênero

Gênero	Quantidade	Percentual
Informativas	72	49,60
Opinativas	54	36,20
Mistas	20	15,20
TOTAL	146	100,00

2) Quanto ao conteúdo

- Acadêmicas – relativas a pesquisas, eventos, cursos, publicações, administração acadêmica, projetos, parcerias intelectuais, cooperação internacional e atividades administrativas.

- Oficiais – contêm textos dirigidos a autoridades e instituições públicas e privadas e recebidos delas.

- Pessoais – tratam de assuntos domésticos, como família e amigos.

- Mistas – mesclam temas acadêmicos, pessoais e oficiais.

Em relação ao conteúdo, predominam as cartas de cunho pessoal (41,10%), seguidas das mistas (24,65%). Em seguida, estão as que apresentam teor acadêmico (18,50%) e a correspondência oficial (15,75%), como se vê na tabela 2:

Tabela 2: Distribuição das cartas quanto ao conteúdo

Conteúdo	Quantidade	Percentual
Acadêmicas	27	18,50
Oficiais	23	15,75
Pessoais	60	41,10
Mistas	36	24,65
TOTAL	146	100,00

As cartas analisadas compreendem o período de 1953 a 1987, ou seja, abrangem um total de 34 anos. A compilação provavelmente não é completa, mas, sem dúvida, representativa. Esse período histórico apresenta dados e opiniões referentes à atuação de Luiz Beltrão na Universidade Católica de Pernambuco, na Fundação Nacional do Índio (Funai), na Universidade de Brasília, no Ciespal (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina), frente ao Instituto de Ciências da Informação (Icinform) e da revista *Comunicação & Problemas*. Além disso, existe uma vasta documentação sobre suas pesquisas acerca do ex-voto, das devoções não-canônicas e demais manifestações da cultura popular.

Características gerais da correspondência de Beltrão

A epistolografia de Luiz Beltrão documenta de forma minuciosa relevantes fatos da vida acadêmica brasileira, sobretudo na área de Comunicação Social. Beltrão escreve e recebe cartas cujo conteúdo reúne informações, comentários e análises, além de um vasto inventário sobre eventos científicos, cursos, viagens, pesquisas, teses, publicações e intercâmbio acadêmico com países da América Latina, da Europa e com os Estados Unidos.

O cotidiano acadêmico

A correspondência de Beltrão revela ainda outra dimensão importante do ambiente acadêmico, pouco estudado atualmente: o cotidiano universitário. É como se as suas cartas fossem registros de uma pesquisa etnográfica. Praticamente um diário de bordo de uma etnografia do cotidiano acadêmico, ao discorrer sobre rotinas administrativas, procedimentos de pesquisa, orientação de teses, preparação de aulas e correção de provas e ensaios dos alunos. Sua correspondência é como crônicas de seu próprio cotidiano produtivo, de seus colegas e de seus colaboradores. Um exemplo, entre tantos, é o relato de José Marques de Melo sobre pesquisa em andamento na época a respeito das escolas de Jornalismo no Brasil,

A tabulação já está em andamento, devendo ficar concluída em meados de março. Vou lhe encaminhar, preliminarmente, os volu-

mes das tabelas estatísticas, com os dados relativos às escolas, estudantes, professores, meios de comunicação e hierarquia católica.

Da mesma forma, em carta de 02/04/1970, dirigida a José Marques de Melo, Beltrão comenta os preparativos para sua participação no Congresso de Informação Rural, organizado por Juan Diaz Bordenave. Nessa descrição das rotinas produtivas da comunidade acadêmica, Beltrão também faz desabafo a amigos e colegas de sua confiança. Relata suas frustrações, decepções e insucessos. Entre esses relatos, consta o seguinte desabafo feito a José Marques de Melo, em carta de 02/04/1970 sobre sua difícil relação com o então Centro de Ensino Unificado de Brasília (Ceub):

Iniciei o curso no Ceub, mas estou sem élan nenhum. Tenho uma turma de dezenove alunos e aulas (5) por semana [...]. As minhas ligações são puramente formais com a coordenação e, menos ainda do que isso, com a direção. Houve uma festa de confraternização dos professores, mas eu não dei as caras. Aliás, não tenho tempo para isso.

Em outra carta, também dirigida a José Marques de Melo (seu interlocutor mais freqüente), faz comentários sobre alterações curriculares no Ceub e as conseqüentes mudanças da grade curricular e na própria carga horária, um problema recorrente sobretudo para os docentes de instituições privadas:

Houve alteração no currículo do Ceub que, afinal, passa para quatro anos. Acontece, porém, que na reforma – feita por Samir³ – Fundamentos Científicos da Comunicação estará no segundo (FCC I) e no terceiro (FCC II) semestres. Assim, só terei até junho uma turma de FCC II.

O período no qual conduziu o curso de Turismo da Upis (União Pioneira de Integração Social), na época a segunda faculdade privada de Brasília, depois do Ceub, embora apareça

³ Samir Suaiden, que coordenou o Curso de Comunicação do Ceub por mais de uma década.

pouco em sua correspondência, revela momentos de apreensão acadêmica, exemplificados pela carta endereçada ao escritor Raimundo Nonato:

Escrevo-lhe por sugestão de nosso comum amigo Veríssimo de Melo, a quem pedi arrego para a planificação do Projeto Semana Santa – Ano 2000, que estamos elaborando, no Curso de Turismo da Upis [...] O ponto alto folclórico da Semana Santa será o Préstimo da Encomendação das Almas – na noite da quarta-feira santa e que, em face das distâncias e condições geográficas e urbanísticas de Brasília, não poderá ser uma procissão; além de uma festa infantil, no sábado de aleluia, pela manhã, com a malhação do judas.

Nesse tipo de cartas, nas quais faz desabafos aos amigos mais próximos, Beltrão usa a palavra de forma terapêutica – tanto para expelir suas emoções aflitivas como para acolher e apoiar colegas em situações desfavoráveis. Em carta a seu confidente favorito, José Marques de Melo, mais uma vez desabafa sobre a ansiedade da espera relativa à resposta da editora acerca de uma de suas publicações: “Estou esperando ansioso qualquer comunicação da Vozes sobre *O Índio na imprensa brasileira*”.

Ainda sobre o aspecto psicológico das epístolas, às vezes suas cartas parecem um lamento, um testamento emocional, à moda de Kafka em sua *Carta ao pai*. Algumas vezes parece o falar de um paciente no divã. Em outros momentos, sua escrita revela a sabedoria de um terapeuta ou de um sacerdote que acolhe as fragilidades de um paciente ou de um fiel cansado e desesperançado. Há situações em que suas epístolas revelam denso conteúdo político. Beltrão conclama, proclama e protesta. Mas também se regozija com esses mesmos interlocutores em situações de êxito e condecorações, como no caso de sua posse na Academia Brasileira de Letras, comentada em tom festivo em carta dirigida a José Marques de Melo (02/04/1970).

Igualmente, as cartas que ele recebe carregam informações da mesma ordem. Relatos do cotidiano das mais diversas regiões do Brasil, como as cartas de Roberto Benjamin, do Recife (02/03/1973), e de Camilo Vianna, de Belém do Pará (14/05/73).

Ambas apresentam dados, informações e comentários sobre a rotina de trabalho de professores em Pernambuco e no Pará. Benjamin, por exemplo, compartilha com alegria a aquisição de equipamentos para pequenas publicações:

Com um grupo de professores [...] estou abrindo uma pequena editora. Adquirimos uma impressora *off-set* pequena, com gravador de matrizes, máquina de escrever IBM etc. Já iniciamos os trabalhos. Pretendemos imprimir livros e revistas, jornais empresariais etc. Estamos às ordens.

Por fim, Benjamin faz uma pequena crônica sobre os fatos relacionados aos amigos que tem em comum com Beltrão no Recife:

Tereza Halliday continua ainda nos Estados Unidos. Marco Samarcos seguiu para a bolsa na Universidade de Navarra. Ricardo Nunes acaba de ter mais uma filha. Vânia ainda está na maternidade. Bernardo Ludemir deixou a sucursal do JB em Recife.

Camilo Vianna conta a Beltrão suas experiências com o Teatro Universitário de Belém e seu propósito de encenar peças sobre o folclore da Amazônia:

Por estar o Teatro da Universidade criando problema para fazer a dramatização, enjambrei a peça e, se bem eu fiz, melhor a meninada procedeu, reformulando minha pecinha, que no final saiu melhor que a encomenda.

Beltrão também compartilha o cotidiano de seus pares e recebe, em primeira mão, as publicações dos autores da área, como é o caso de Mário Erbolato, em carta endereçada a Beltrão, de 11/08/1982:

Sob registro postal estou lhe enviando um exemplar de *Deontologia da Comunicação Social*, publicado finalmente pela Vozes. Os originais estavam na editora há cerca de três anos e não sei se muitos dos conceitos por mim emitidos ainda estão atualizados, em vista da mudança brusca dos costumes da sociedade.

Temas como a vida doméstica, família, saúde e dificuldades financeiras também aparecem em algumas de suas cartas, mas somente entre os interlocutores mais próximos. Entre eles está sempre seu confidente mais constante, José Marques de Melo, que partilha da intimidade de Beltrão com liberdade e confiança. No período em que Melo esteve em Madison (EUA), por exemplo, em carta de 02/02/1974, ele comenta:

Espero que a esta altura o seu pé novo já esteja aclimatado aos sapatos, tendo rejeitado o gesso. Como foi o pé esquerdo, talvez não haja motivos para grandes preocupações, porque assim você, obrigatoriamente, teve que começar o ano novo com o pé direito... (A Folkcomunicação explica muito bem essa minha interpretação).

As publicações e os projetos editoriais

Neste tópico, o ponto mais relevante é a documentação epistolar relativa à criação, ao funcionamento e às parcerias do Instituto de Ciências da Informação (Icinform)⁴. Trata-se, como já dito, do primeiro instituto de pesquisa na área criado no Brasil, quando da formatura da primeira turma de bacharéis em Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, em 13 de dezembro de 1963, em Recife. Em missiva datada de 18/04/1969, destinada a Newton Avelino de Andrade, Beltrão relata os primeiros passos de criação do Icinform e sobretudo acerca da contribuição e do esforço pessoal de seus primeiros integrantes:

Realmente, o conceito e as realizações do Icinform têm resultado de ações individuais ou de um reduzido grupo de associados, entre os quais é de justiça salientar os nomes dos professores Sanelva de Vasconcelos, José Marques de Melo e Tereza Halliday.

⁴ O Icinform atuou com treinamento, pesquisa e divulgação de pesquisas no âmbito universitário e foi o primeiro no gênero no Brasil. Ao nascer e enquanto existiu, ele se confundiu com o próprio fundador, mas teve inspiração original no Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina, depois Centro de Investigación y Capacitación para a América Latina (Ciespal), onde Beltrão ministrou a disciplina Métodos en la Enseñanza de la Técnica del Periodismo, em 1963, e percebeu as possibilidades de um instituto de pesquisa para consolidação do campo da comunicação em sua região.

As cartas de Beltrão referentes a este item apresentam ainda suas contribuições no setor de intercâmbio bibliográfico com instituições de ensino e pesquisa em Comunicação na América Latina, como o Ciespal (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina)⁵. Epístola de 7 de agosto de 1963, assinada pelo então secretário-geral do Ciespal, Gonzalo Córdova, reflete a confiança da instituição na capacidade de Beltrão para ajudar na escolha do acervo especializado da biblioteca do Ciespal, cujo projeto é exposto na mesma missiva:

Su biblioteca debe tener una de las colecciones particulares de obras de periodismo más nutrida de América. Usted podría prestarnos valiosísima cooperación al traernos, durante su viaje para los próximos cursos de Ciespal, la lista bibliográfica de las obras que posee.

A solicitação de Córdova é uma demonstração do reconhecimento da competência de Beltrão, o qual passa a ser considerado pelo Ciespal como referência para o intercâmbio bibliográfico na área de Jornalismo.

A revista *Comunicação e Problemas*⁶ também é comentada em suas cartas. Trata-se de outro projeto pioneiro de Beltrão, fun-

⁵ O Ciespal foi criado em 1959 como estratégia da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para qualificar jornalistas latino-americanos e incentivar a pesquisa e a formação profissional. Os cursos, realizados no Equador, duravam geralmente três meses e tinham cerca de trinta alunos de vários países. Em sua origem, influenciou no estabelecimento do campo acadêmico, na regulamentação profissional, na padronização do ensino e incentivou o enfoque funcionalista da comunicação em toda a América Latina, em contraposição à formação anterior, literário-humanista.

⁶ Trata-se do primeiro periódico científico da área de Comunicação no Brasil, também de iniciativa de Beltrão, no âmbito das principais realizações do Icinform. Foi a primeira revista nacional de cunho técnico-científico, na área de Comunicação. Com periodicidade quadrimestral, o número um data de março de 1965. Deixa de circular, após doze edições, em 1969. De periodicidade trimestral, apresenta resumos em inglês, modelo gráfico inspirado na revista americana *Journalism Quarterly*, e busca intercâmbio com instituições de outros países.

damental para a consolidação do campo científico da Comunicação no Brasil. Em carta de 17/08/1965, o pesquisador norte-americano Rod Horton, tradutor de *Ordem e progresso*⁷ para o inglês, escreve o seguinte sobre o primeiro número do periódico: “A revista *Comunicação & Problemas* é admirável e não quero perder os números seguintes”.

Luís da Câmara Cascudo, em 19/10/1965, também escreveu longa e elogiosa carta a Beltrão sobre a revista, na qual analisa o cenário da produção intelectual brasileira da época:

Todos os parabéns pela *Comunicação & Problemas*, movimentada, sugestiva, sedutora. O erro das revistas técnicas brasileiras, para mim, é a monomania irreprimível da interpretação, comentário, explanação, aula retórica, quando o interesse primário e básico devia ser a informação, registro, notícia, determinando ou acrescentando conhecimento. Precisamos saber o elemento formador do motivo e não o malabarismo acrobático das considerações, bajulatórias ou restritivas, no rumo das pimentas ou do incenso.

Jornalismo: exercício profissional, ensino e pesquisa

Este talvez seja o tema mais recorrente das cartas de Beltrão. Em uma delas, datada de 08/12/1965, endereçada a José Wamberto, ele faz uma síntese de seu pensamento e revela que sua produção teórica foi motivada pela experiência profissional e docente:

A experiência colhida durante esses anos de estudo e observação em diferentes países e no contato com diferentes culturas, está contida nos meus livros *Iniciação à filosofia do jornalismo* [...] e *Métodos de enseñanza de la técnica del periodismo*.⁸

Em dezenas de outras epístolas Beltrão comenta suas tentativas de dotar os profissionais de técnica mais apurada e de

⁷ O livro compõe a célebre trilogia de Gilberto Freyre, iniciada com *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*, que analisa a formação do patriarcado no Brasil.

⁸ Com o primeiro livro citado, editado pela Agir em 1960, Beltrão foi agraciado com o Prêmio Orlando Dantas, promovido pelo *Diário de Notícias*. O segundo foi editado pelo Ciespal, em 1963, resultado do período em que ministrou um curso para professores de Jornalismo em Quito.

desenvolver métodos e técnicas de ensino e pesquisa na área. Como assinalam Barros e Duarte (2003), na época, início dos anos 1960, reportagem ainda era atividade de literatos, diletantes, e, principalmente, “bico” para complementação de renda de funcionários públicos. Jornalismo era profissão aprendida no dia-a-dia e sem perspectiva de salário digno. Não havia cursos, livros, professores, experiência teórica. Portanto, profissão sem presente e sem futuro, exceto para idealistas, como o próprio Beltrão.

O início das pesquisas sobre folkcomunicação

As cartas de Beltrão documentam um importante momento de sua vida acadêmica e o nascimento de seus projetos de pesquisa sobre folkcomunicação, longa empreitada que teve início com o estudo sobre ex-votos. As cartas revelam uma interlocução intensa entre especialistas da área, a exemplo de Luís da Câmara Cascudo, em carta datada de 19/10/1965, na qual este afirma:

Seu plano de estudar o ex-voto é um soberbo programa de necessidade imediata. O ex-voto é uma voz informadora da cultura coletiva, no tempo e no espaço, tão legítima e preciosa como uma parafernália arqueológica. Vale muito mais do que uma coleção de crânios, com suas respectivas e graves medições classificadoras. É um dos mais impressionantes e autênticos documentos da mentalidade popular, do Neolítico aos nossos dias. E sempre contemporâneos, verdadeiros e fiéis. Você sabe mais do que eu que a velhice espantosa do ex-voto é sua significação humana, afirmando a defesa mágica da vida pessoal, proclamando a intervenção sobrenatural positiva. Não lhe recorde, em boa linguagem cabotina, as promessas amontoadas nos templos de Apolo em Delphos, de Diana em Éfeso ou as três mil estelas atentadoras dos milagres de Rabat Tanit em Cartago. Qualquer bom museu asiático ou europeu expõe essa multidão, desde os modelos proto-históricos, notadamente os ex-votos ligados aos deuses lacustres, fluviais e marítimos, padrinhos das viagens felizes. Moedas, ânforas, miniaturas navais, pedras gravadas, variadas formas de fixar o assunto e dizer a gratidão. Não havia ainda o templo exterior glorificando a Divindade e já o Homem deixava a prova visível de sua fé, ante-

rior aos ídolos antropomórficos e aos pilones oblacionais. Para mim, o ex-voto é a mais antiga demonstração humana da crença nas entidades superiores, interferindo no ritmo da normalidade social. O ex-voto antecede o totem.

Na mesma carta, Câmara Cascudo escreve ainda:

Por toda a Península Ibérica, de onde devemos a mais alta porcentagem dos nossos critérios modeladores do mecanismo das soluções psicológicas, são instáveis e de imprevisível antiguidade os ex-votos pré-cristãos, objetos transportáveis ou monumentos com a sigla E. V. S. (*ex-voto suspecto*). Em ambos os lados do Mediterrâneo, África setentrional e Europa meridional, não conheço provas de respeitosa fidelidade sagrada, anteriores aos ex-votos. Digo esse palavreado, Beltrão, porque anos e anos li, pesquisei, viajei, estudando esses assuntos [...].

Câmara Cascudo afirma ainda que o ex-voto é uma característica dos povos detentores de “cultura suficiente”, entendida por ele como aquela que não depende de outras. Nesse ponto, prossegue: “daí os nossos indígenas desconhecem a prática do ex-voto”. Entretanto, ressalva, a prática era comum entre os incas, mais os astecas, os quais “encontravam-se em estágio superior em relação aos indígenas brasileiros, permitindo a transferência simbólica”. Por fim, Câmara Cascudo escreve em sua carta: “seu artigo de abertura, Beltrão, é um magnífico *master plan*. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função”.

Folkcomunicação e meio ambiente

Além de sua conhecida pesquisa sobre o índio na imprensa brasileira, Beltrão dialoga em suas cartas com pesquisadores do interior do Brasil a respeito das manifestações culturais vinculadas à natureza. Uma das cartas emblemáticas sobre esse tópico vem de Camilo Vianna, de Belém do Pará, datada de 14/05/1973. No texto, o remetente refere-se a um pedido de informações sobre temas culturais da Amazônia, feito por Luiz Beltrão,

o que demonstra que a resposta de Vianna decorre de demanda anterior do pesquisador da folkcomunicação.

Trata-se de uma carta de três laudas cheias, nas quais Vianna informa sobre a repercussão positiva do conceito de folkcomunicação nas universidades da Amazônia e dos demais estudos de Beltrão sobre comunicação e folclore. Vianna informa sobre o envio de vários livros a Beltrão, como *O colono velho*, *O maior tesouro do homem*, *Dona tartaruga e o senhor papagaio* e outros relativos à temática do folclore amazonense. Menciona ainda as atividades da Sociedade de Preservação aos Recursos Naturais e Culturais. Vianna também relata sua experiência de pesquisador e folclorista:

Minha experiência no setor data do tempo em que eu era ora ajudante de pajé, ora ajudante de feiticheiro, em cordão junino muito falado, que correu este chão paraense. Daí para a literatura de cordel, passando pela medicina, foi, como se costuma dizer, um passo.

Seu gosto pela natureza aparece em minúcias em carta endereçada a dois amigos pessoais, chamados apenas de “queridos amigos Catarina e Bob”, de 26/03/1976:

Agora temos, na chácara⁹, um bom caseiro, que aproveita as chuvas para plantar: já temos 2.100 m² e estamos para adquirir outro terreno junto. Nosso objetivo é atingir os 3 mil m². Embora os coqueiros tenham morrido, há cajueiros, goiabeiras, mangueiras, abacateiros, laranjeiras, limoeiros, muitos mamoeiros, alguns já dando frutos; algumas das mais belas árvores do cerrado continuam florindo, dando frutos exóticos (como o aticum, da família da pinha), os três pinheiros prateados e os *flamboyants* estão lindos, enquanto um pé de maracujá-açu oferece sombra para o carro e sa-

⁹ É oportuno fazer um breve comentário sobre a importância das chácaras para os moradores do Plano Piloto de Brasília. Muitos se retiram para as áreas verdes no entorno da capital, nos finais de semana e feriados prolongados. Existem áreas exclusivas para chácaras e condomínios rurais a cerca de trinta a oitenta quilômetros da capital. As cartas de Beltrão documentam essa característica da cidade. Algumas chácaras funcionam como se fossem clubes de lazer e veraneio, com um número limitado e selecionado de visitantes e familiares.

borosos frutos na época. As galinhas evoluíram: agora, não quero mais criar aves de raça; são caipiras, de carne excelente e que chocam seus próprios ovos, reduzindo-se os gastos com ração balanceada. Passamos ora o sábado, ora o domingo inteiro na chácara e, nas quartas-feiras, pernoitamos lá, exceto quando há mau tempo.

A correspondência de Beltrão reforça a idéia de um pesquisador “antenado”, esforçado para manter-se atualizado a respeito de sua área de estudos. Em carta dirigida ao então secretário de Educação e Cultura do Estado de Sergipe, Everaldo Aragão Prado, de 28/02/1976, ele comenta pesquisa sobre a taieira, dama típica do sertão segipano, realizada por Beatriz Góis:

Há muito interessado nas manifestações de nosso folclore, impressionou-me fundamente a pesquisa sobre a taieira, realizada por Beatriz Góis e editada pelas Vozes, sobre a qual tive a oportunidade de publicar uma recensão, em que eu salientava, sobretudo, as conclusões relativas à temática das cantigas como fonte documental de importância para os nossos estudos de Folkcomunicação.

As devoções não-canônicas e a folkcomunicação política

Os dois principais temas das cartas da década de 1980 são as devoções canônicas e a folkcomunicação política. Beltrão escreve e recebe diversas cartas sobre esses assuntos. Esses dois temas dominaram sua agenda após a aposentadoria do serviço público federal, após quarenta anos de trabalho. A batalha burocrática pela aposentadoria é relatada em várias de suas cartas, em forma de desabafo, cansado de apresentar documentos e enfrentar filas nos órgãos públicos, como relata a José Sant’Anna, em carta de 01/09/1982: “Ocorre que todo o mês de agosto ainda foi pouco para que se processasse minha aposentadoria no ainda burocratizado INPS”.

Após a aposentadoria, finalmente livre para suas atividades acadêmicas, Beltrão festeja a notícia em cartas com vários amigos, eufórico, com possibilidade de finalmente se dedicar a seus estudos sobre as devoções não-canônicas e o uso do folclore e da cultura

popular nas campanhas políticas, como escreve a seus amigos Tereza, Lúcia e Henrique: “Finalmente, desde agosto, após trabalhar quarenta anos naquilo que os outros desejavam que eu lhes fizesse, passei a trabalhar somente naquilo que me apraz”. Entretanto, passada a euforia, escreve para sua amiga Adísia, em 10.11.1982, nesses termos: “Agora, aposentado, continuo a carregar pedras como Sísifo na eterna faina em favor da Comunicação”.

Nesse período, entre seus principais interlocutores estão: Veríssimo de Melo, Maria Helena, José Sant’Anna, Pellegrini, Adísia, Mário Souto Maior. Veríssimo o chama de “velho guerreiro da cultura”, em carta de 15/11/1982, e faz, a seu pedido, um longo comentário sobre o cenário político e eleitoral do Rio Grande do Norte. Ao que tudo indica, foi a carta que inaugurou os diálogos de Beltrão com seus parceiros sobre suas pesquisas acerca do uso político da folkcomunicação. Paralelamente, Beltrão inicia as cartas nas quais pede a seus colegas informações sobre devoções não-canônicas. O mesmo Veríssimo relata a existência de cultos populares a assassinos e ladrões mortos pela polícia. Nas entrelinhas, portanto, parece haver certo paralelo entre as figuras da devoção popular e os políticos:

No Cemitério do Alecrim, há uma devoção estranha – Baracho, um assassino e assaltante, vinha sendo procurado pela Polícia há muitos meses. Num choque com a PM, foi morto. Pois bem, o seu túmulo vive cheio de velas acesas. Está fazendo milagres...

Outro caso comentado por Veríssimo, na mesma carta: “No Cemitério de Mossoró, o túmulo de Corisco – que entrou em 1927 ali, com a tropa de Lampião – vive cheio de velas. Também faz milagres...”

Em várias cartas, Beltrão escreve sobre seu interesse de aprofundar um estudo sobre a devoção não-canônica a uma menina de sete anos, Ana Lídia, estuprada e assassinada por rapazes da alta classe média em Brasília, supostamente usuários de drogas, em 1973. Em carta à sua amiga Maria Helena, de 10/11/1982, ele relata: “O povo a beatificou e seu túmulo no Campo da Esperança é muito visitado, nele sendo depositados ex-votos e flores, especialmente no Dia de Finados”.

Seu propósito é, em primeiro lugar, fazer um mapeamento das devoções não-canônicas existentes no Brasil, desde as mais conhecidas, como o Padre Cícero, o Negrinho do Pastoreio e a Prostituta Santa de São Borja, até aquelas anônimas ou apenas de repercussão local. No bojo de seu interesse pelas devoções populares, na mesma época, ele esboçou os primeiros estudos sobre o Vale do Amanhecer e os anúncios de serviços de videntes em Brasília.

Memória da Cidade Livre

Outro projeto do qual se ocupou após sua aposentadoria foi denominado por ele Memória Popular da Cidade Livre, a cidade-satélite de Brasília construída para abrigar os peões da obra da construção da capital, hoje conhecida como Núcleo Bandeirante. O projeto fazia parte das atividades do Centro de Estudos e Pesquisas da Memória Popular de Brasília, mantido pelo Ceub e vinculado ao Curso de Comunicação Social. Após sua aposentadoria, Beltrão foi designado pela direção do Ceub para dirigir o centro. Com este projeto, ele relata a seus amigos Ramon, Abel e Olga:

Queremos que a história de cada cidade-satélite seja contada a partir das camadas mais baixas da sociedade, a fim de que não fique apenas para a posteridade o registro do primeiro escalão social. Para isso, faremos funcionar uma Casa da Memória, a primeira a ser implantada na mais antiga cidade-satélite e que será um misto de museu e ponto de reunião da comunidade, onde cada um aprenderá a cultivar sua memória, utilizando fotografias, pinturas, desenhos, jornais comunitários, cantorias, causos e objetos artesanais, além de cantarem e dançarem, afinal, fazerem sua vida social em comunidade.

Esses projetos resultaram no livro *Almanaques, correntes e volantes*, para o qual contou com a colaboração de Newton Quirino de Oliveira, seu ex-aluno, que também se tornaria professor do Ceub. A respeito desse seu grande colaborador, ele escreveu a seus amigos Tereza, Lúcia e Henrique, em janeiro de 1983: “Newton Quirino também é formado em Direito, falando e escrevendo em inglês, francês e com bom conhecimento de grego, latim e alemão”.

Comentários finais

Aqui apresentamos uma análise preliminar da correspondência de Luiz Beltrão, com um enfoque panorâmico. Entretanto, a riqueza do material permite ainda outras abordagens mais pormenorizadas, como a origem de suas pesquisas sobre folkcomunicação e a constituição de uma rede de comunicação, uma espécie de colégio invisível, a partir dos contatos de Beltrão com outros pesquisadores.

A classificação das cartas a partir de outros critérios e objetivos de pesquisa poderá contribuir para ampliar a compreensão das idéias de Beltrão, visto alguns de seus projetos não terem chegado a se concretizar, mas terem exercido relevante papel na definição e redefinição de suas propostas de trabalho. Outra possibilidade diz respeito ao aprofundamento do estudo do ponto de vista cronológico, a partir dos projetos comentados em sua correspondência no período em que ele residiu na cidade do Recife e em Brasília, por exemplo.

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENJAMIN, R. *Itinerário de Luiz Beltrão*. Recife: AIP/Unicap, 1998. 311 p.
- CASCUDO, L. C. Carta a Luiz Beltrão sobre o ex-voto. *Comunicações & Problemas*, Recife: Icinform, v. 1, n. 2, p. 133-135, jul. 1965.
- DUARTE, J. Luiz Beltrão, um autodidata abrindo picadas no campo da Comunicação. In: MARQUES DE MELO, J. & DUARTE, J. (orgs.) *Memória das ciências da comunicação no Brasil: os grupos do centro-oeste*. Brasília: UniCeub, 2001. p.127-155.
- HALLIDAY, T. Não tenho paciência com mulher burra. In: BENJAMIN, R. *Itinerário de Luiz Beltrão*. Recife: AIP/Unicap, 1998. p. 223-228.
- MARQUES DE MELO, J. & GOBBI, M. C. (orgs.). *Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras – Ciespal, Icinform, Ininco*. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/ Metodista, 1999. 304 p.
- MORAES, M. A. de. Cartas, um gênero híbrido e fascinante. *Jornal da Tarde*, Caderno de Sábado. São Paulo, 28 out. 2000, p. 1.
- TARGINO, M. das G. A contribuição do Icinform na gênese do pensamento comunicacional brasileiro. MARQUES DE MELO, J. & GOBBI, M. C. (orgs.). *Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras – Ciespal, Icinform, Ininco*. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Metodista, 1999. p. 167-180.

ANEXO

Lista dos interlocutores de Luiz Beltrão¹⁰

N.	Nome	Identificação
1	Abelardo de Paula Gomes	Chefe da Missão Cultural Brasileira em Assunção
2	Alberto S. Ascolani	Pesquisador do Ciespal
3	Alberto Peres	Diretor do Ceub
4	Alice Mitika Koshiyama	Professor da Universidade de São Paulo
5	Américo Pelegrini Filho	Professor da Universidade Federal do Pará
6	Angel Benito	Universidade de Navarra
7	Aníbal Fernandes	Jornalista do <i>Diário de Pernambuco</i>
8	Antonio Guimarães Ferri	Professor da Universidade de São Paulo
9	Antonio Hohlfeldt	Jornalista do <i>Correio do Povo</i>
10	Camilo Vianna	Professor da Universidade Federal do Pará
11	Cid Albernaz de Oliveira	Professor da Universidade de Brasília
12	Danton Jobim	Jornalista da Associação Brasileira de Imprensa
13	Darci Lázaro	Militar
14	Dom José Newton de Almeida Baptista	Arcebispo de Brasília
15	Egon Schaden	Indigenista de São Paulo
16	Everardo Aragão Prado	Secretário da Educação de Sergipe
17	Fernando Gois	Professor da Universidade Cásper Líbero
18	Frei Ludovico Gomes de Castro	Editora Vozes
19	Gilvandro Guedes Raposo	Militar
20	Gonzalo Córdova	Diretor do Ciespal
21	Heinz Dietrich Fischer	Universidade de Münster
22	Ismar Cardona Machado	Jornalista
23	Jorge Fernandez	Diretor do Ciespal

¹⁰ A identificação foi realizada a partir das informações constantes nas cartas. Portanto, os cargos referem-se ao período em que as cartas foram escritas. Foram excluídos os destinatários e remetentes de cartas sem possibilidade de identificação, como os que usavam apelidos ou só o primeiro nome, sem sobrenomes.

24	Jarbas Vasconcelos	Prefeito de Recife
25	José do Patrocínio de Oliveira	Jornalista da <i>Folha de S. Paulo</i>
26	José Henrique de Carvalho	Professor da PUC-RJ
27	José Helly Ferreira	Professor da Faculdade Cásper Líbero
28	José Carlos Lisboa	Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro
29	José Marques de Melo	Professor da Universidade de São Paulo
30	José Wamberto	Secretário de Imprensa da Presidência da República
31	Juan Diz Bordenave	Instituto Iberoamericano de Ciências Agrícolas – OEA
32	Juan Beneyto	Ministerio de Información y Turismo, Espanha
33	Laerte de Carvalho	Reitor da Universidade de Brasília
34	Levy Benschimol	União Católica Latino-Americana de Imprensa
35	Luís da Câmara Cascudo	Folclorista
36	Luiz Fonseca	União Católica Latino-Americana de Imprensa
37	Marcelo Moreira de Ipanema	Diretor do Iphan
38	Mário Erbolato	Professor da Unicamp
39	Marcelo Fasano	Universidade de Buenos Aires
40	Paulo Carneiro	Unesco
41	Ramon Abel Castaño Tamayo	Professor da Universidade de Medellín
42	Ramiro Samariego	Universidade de Wisconsin
43	Raymond B. Nixon	Professor da Universidade de Minnesota
44	Reginaldo Fernandes	Associação Brasileira de Imprensa
45	Roberto Velloso	Departamento de Turismo do Distrito Federal
46	Roberto Benjamin	Professor da Univ. Federal de Pernambuco
47	Roberto V. Escardo	Advogado, de Buenos Aires
48	Roberto Civita	Editora Abril
49	Rod Horton	Professor da Universidade de Denver, Colorado/EUA
50	Salvador Bruno	Banco do Brasil
51	Sebastião Jorge	Universidade Federal do Maranhão
52	Suzana Sondermann	Estudante de Jornalismo do Rio Grande do Sul
53	Tereza Halliday	Jornalista do <i>Diário de Pernambuco</i>
54	Umberto Eco	Professor da Universidade de Milão
55	Veríssimo de Melo	Antropólogo da UFRN
56	Wagner Savini	União Católica Latino-Americana de Imprensa